

GOLDGRUB, Franklin. A história de uma amizade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24.jun.1989. p.10-11

A HISTÓRIA DE UMA AMIZADE

Em seu livro "História de uma Amizade" (Ed. Perspectiva), Gershom Scholem fala de sua ligação com Benjamin, ligação marcada pela admiração mútua, à qual não falta o ingrediente da competição, inevitável entre dois homens que compartilham uma origem e um instrumental, e se esforçam por discernir algum sentido enquanto perambulam pelo mesmo cenário, grandioso e terrível, de uma cultura à beira da hecatombe.

"... ninguém poderia ter passado por esta porta, a não ser você. Agora vou fechá-la".

Teria Benjamin ouvido essas mesmas palavras no momento em que a fronteira espanhola se tornou intransponível? Soam como a extrema-unção exata, piedosa e cruel, o melhor dos epitáfios para o seu túmulo ignoto.

Retrospectivamente, o episódio parece feito sob medida para encerrar uma vida que nada fica a dever aos angulosos personagens do Kafka, sempre a meio caminho entre o absurdo, o cômico, o patético, o grotesco e o lírico. Um dia antes, escreve Hanna Arendt, a passagem teria ocorrido sem problemas: um dia depois os apátridas em fuga saberiam ser preciso recorrer a outro meio para escapar dos compridos tentáculos nazistas. Benjamin acertou na ocasião errada com a precisão de quem ganha na loteria fazendo a aposta mínima. Coroa assim uma vida dedicada ao fracasso exemplar, como diz Jeane-Marie Gagnebin (1). E como se fosse pouco, a seqüência também se inscreve no registro da alegoria.

Estimulados pelas constantes peregrinações, os funcionários do cemitério de Port Bou decidem viver um pouco mais da morte e inventam-lhe um túmulo para receber gorjetas compungidas. Pois fiel a seu papel de judeu errante, o ator levou a personagem à perfeição, apagando a marca de seu último pouso. Evaporou-se, por assim dizer, no mais impessoal dos lugares, um hotel de fronteira encravado na terra de ninguém entre dois países impossíveis, a caminho de outro —

de outra realidade — que teria preferido ignorar.

A prática do deslocamento, em Benjamin, é uma arte precoce. Quando se trata de incursionar pelas circunstâncias pessoais, o livro de Gershom Scholem (*Walter Benjamin, História de uma Amizade*, Ed. Perspectiva) desliza ao longo de trilhas conhecidas e retrata novamente o filho de família "abastada" que recusa o projeto mas não o amparo paterno, muito mais através da relutância do que da rebeldia. Com referência a esse aspecto, que é aliás toda uma questão — a relação com o pai —, sua semelhança com Kafka raia a gemelaridade, até na sutil e necessária diferença.

O autor de *O Processo* soube tornar-se a vítima sacrificial de um poder que só deixava a alternativa da fuga para a doença. Escolhendo uma variante da mesma estratégia — faustiana, mas pelo avesso —, o pacto com a morte celebrado por Benjamin salva-lhe a alma condenando-o a um suplício paralelo. Ele reivindica com o máximo cinismo a condição de filho perene — em contraste total com sua radical independência intelectual — e se faz sustentar, mesmo após o casamento, mesmo após a paternidade, mesmo pela mulher, avalizando suas promissórias com os esporádicos sinais de um reconhecimento eternamente iminente.

Que seja também eternamente adiado será tudo menos fruto do acaso; Benjamin é mestre em provocar situações graças as quais as alianças se rompem no momento de seu desfrute, retornando assim ao ponto de partida. "*Pequenos triunfos e grandes derrotas*", lembra Jeanne-Marie Gagnebin, citando uma avaliação do próprio Benjamin.

Compreensível ou paradoxalmente, é difícil dizer, o livro ganha à medida que Benjamin passa a ser focalizado de uma certa distância. O primeiro plano da narrativa adquire uma louvável nitidez quando passa a interessar-se pela sua trajetória intelectual, deixando de lado aspectos da vida pessoal com os quais Scholem parece pouco à vontade, e que ao reaparecerem, aqui e ali, conferem ao livro um viés muito evidente. Quando isso acontece, Benjamin é apresentado como uma criança, hesitante e influenciável, guindado ora para o judaísmo ora para o marxismo ao sabor de amores e amizades momentâneos.

Entretanto, se o leitor filtrar as informações da interpretação que as envolve, poderá reconstruir o meândrico trajeto graças ao qual Benjamin tece sob a inspiração de Penélope uma não-identidade, para desespero dos amigos-"pretendentes" a seu esquivo talento. Marcante nessa estratégia é o gosto pela errância; Berlim-Munique, Berna-Berlim, Europa-Palestina, Ibiza-Copenhague, aparentemente sua vida exigia a contínua peregrinação — de fato ou virtual — a pólos conflitantes, expressão talvez de um dilema interno.

Viajante compulsivo, recusa todas as formas de estabilidade, inclusive a do eu — cujo abalo é tentado através da experiência com o haxixe. Os pontos de referência são placidamente arrasados: Benjamin será alternativamente o judeu enraizado no mundo "gentio" (enquanto simultaneamente desaprova a assimilação) e, por outro lado, o intelectual munido de uma lógica impecável que não obstante "contamina" ou "fecunda" (conforme a ótica) o instrumental marxista com as categorias da Cabala, adotando a perplexidade perante o inescrutável até elevá-la à altura de uma verdadeira postura metodológica.

Essa (aparente) contradição, a mais conhecida, não é entretanto a única: metafísico debruçado sobre a realidade mais imediata, historiador apaixonado por um passado que só existiu enquanto possibilidade, candidato fracassado à cátedra universitária que soube fazer-se recusar por excesso de erudição, pensador excessivamente "jornalístico" (abrangente, multifacético, fragmentário), jornalista excessivamente profundo, seria preciso revirar o baú dos paradoxos para aplicar-lhe uma categorização minimamente adequada.

O prisma adotado por Scholem reflete a mesma dificuldade e o mesmo desconforto por parte dos amigos e interlocutores; Benjamin evoca proteção e enfado, admiração e consternação. Seduz e decepciona, prometendo colocar seu irrequieto talento a serviço das grandes causas que salvam seus contemporâneos da loucura e do suicídio, mas sempre escapa no último momento deixando um rastro de ressentimento e preocupação. Sua lealdade parece devotada acima de tudo à experiência do deslocamento, ao registro da separação, à carne viva do exílio. Reivindica o judaísmo e o marxismo muito peculiarmente; apenas na medida em que o islam (pois será incompreensivelmente religioso para Brecht, e

materialista para Scholem) e o conduzem em direção a um destino possivelmente funesto. Para viabilizar essa estratégia da dilaceração, faz-se auxiliar por representantes de devoções opostas: Brecht e Scholem, Asja Lacis e Dora, URSS e Palestina, o Instituto de Pesquisa Social e a Universidade Hebraica de Jerusalém.

Roma ou Jerusalém certamente não; Roma e Jerusalém talvez; nem Roma nem Jerusalém, mais provavelmente, se Benjamin quisesse adotar um mote.

Com as câmeras empáticas amarradas ao protagonista, *História de uma Amizade* adquire um ritmo entrecortado e cambaleante. Não é uma biografia, certamente, e nem se trata de um ensaio ou quase sobre a obra benjaminiana. (Esta, aliás, é reduzida quase sempre por Scholem à resultante do choque entre seu componente marxista — deplorado incansavelmente pelo exegeta da Cabala — e o que seria a tendência "metafísica" de Benjamin, intrinsecamente próxima aos ideais para-confessionais do próprio Scholem, cuja identificação com a reconstrução crítica do judaísmo funciona como um bálsamo para a mesma ferida que em Benjamin permanece aberta.)

O livro empreende a reconstituição dos períodos iniciais da relação, relativamente longos, e dos esporádicos reencontros posteriores à "aliá" (imigração para Israel) de Scholem. Ligação marcada pela admiração mútua, à qual não falta o ingrediente da competição, inevitável entre dois homens que compartilham uma origem e um instrumental, e se esforçam por discernir algum sentido enquanto perambulam pelo mesmo cenário, grandioso e terrível, de uma cultura à beira da hecatombe.

Scholem hesita em recriminar ao amigo a dificuldade do compromisso e reconhecer que essa indefinição constitui a essência de sua identidade intelectual, (Decorre dessa postura, só aparentemente contraditória, a contribuição decisiva oferecida por Benjamin à redefinição da abordagem do "fenômeno cultural", pela qual o recurso às condições materiais subjacentes permanece importante mas não exclusivo. O resultado combina em doses compatíveis as esferas até então irreconciliáveis do "objetivo" e do "subjetivo".)

